

OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO ITALIANA DE *BRASIS*, *BRASIL E BRASÍLIA* DE GILBERTO FREYRE

Nicoletta Cherobin

Universidade Federal de Santa Catarina

nicoletta_chero@hotmail.it

Este artigo foi pensado para ressaltar as principais dificuldades que enfrentei na tradução em italiano da obra *Brasis, Brasil, Brasília* de Gilberto Freyre. Ciente de que a tarefa do tradutor implica o conhecimento de várias linhas teóricas, de acordo também com as dificuldades derivadas dos diferentes âmbitos linguísticos e da variedade de assuntos a serem levados em conta; e, posto que a obra por mim escolhida se caracteriza mais, talvez, como ensaio do que como uma obra propriamente literária, procurei solucionar as muitas dificuldades encontradas, tendo em vista o alvo de oferecer, pragmaticamente, uma “*interpretazione del senso del testo di partenza*” de maneira a oferecer ao leitor italiano uma “*equivalenza*”, quanto mais próxima possível entre o original e a minha tradução. De acordo também com a interpretação do processo tradutório de W. Benjamin, procurei fazer com que a “*equivalenza*” entre o original e o texto italiano não resultasse de uma simples tentativa de igualar os dois mais de um esforço no sentido de uma reconfiguração, até onde possível, em italiano, do modo de designar do original.

Não foi possível aplicar univocamente uma precisa teoria tradutologica, porque muitas foram as reflexões, a este respeito, que me ajudaram no reconhecimento de uma linha coerente para a tradução em italiano de *Brasis, Brasil, Brasília*¹. Significativas dicas vieram também da leitura de *Cadernos de Tradução*, cujo debate internacional me permitiu focar uns aspectos, acerca da tarefa do tradutor, e da sua atuação do ponto de vista cultural.

As muitas sugestões teóricas me ajudaram a focar um específico problema: como traduzir em italiano sem produzir graves perdas não somente do ponto de vista do

¹ Importantes referências foram: ASTON, G., “Traduzione e tecnologia”, in CORTESE, G., (a cura di), *Tradurre i linguaggi settoriali*. Torino: Edizioni Cortina, 1996, pp. 293-310; BERRUTO, G., *La Sociolinguistica*. Bologna: Zanichelli, 1974; CAMPOS, H., “Da tradução como criação e crítica”. *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes. 1970, pp. 21-38; CAMPOS, H. “Tradução, Ideologia e História”. In: SIMON, I. M. (org.) *Território da tradução*, revista *Remate de Males*. Campinas: IEL, 1984, pp. 239-247; DELISLE, J., LEE-JAHNKE, H., CORMIER, M.C., *Terminologia della traduzione*. Milano: Editore Hoepli, 2006; ECO, U., *Quase a Mesma Coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007; ECO, U., *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani, 2003; OSIMO, B., *Il Manuale del Traduttore*. Milano: Hoepli Editore, 2008; ULRICH, M. *Focus on the translation*. Padova: Unipress, 1999.

sentido, mas também do ponto de vista da intensidade do conceito expresso em língua original. Portanto uns dos meus principais objetivos foi proporcionar ao leitor italiano uma das obras de Gilberto Freyre mais representativas do seu estilo e do seu pensamento, oferecendo no começo do século XXI a oportunidade de conhecer temas que têm despertado grande interesse no público brasileiro, logo do final da década de Sessenta.

Posto que há palavras e locuções, no original de Gilberto Freyre, que não podem ser traduzidas em italiano pena evidentes “perdas”, decidi manter, na minha proposta de tradução, muitos termos em original, evidenciados em itálico. As definições de tais palavras e locuções foram tiradas, e por mim traduzidas em italiano, dos seguintes dicionários: HOUAISS A., MELLOFRANCO, F. M. de, SALLES VILLAR, M. de, *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001; HOUAISS A., MELLOFRANCO, F. M. de, SALLES VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Sinônimos e Antônimos*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003; *Dicionário Houaiss eletrônico Da língua portuguesa*; MICHAELIS, *Moderno Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2005; FERREIRA, A. Buarque de Holanda, *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. A minha escolha de manter em português algumas palavras e locuções visa, de um lado, atingir o alvo de permitir ao leitor italiano de se aproximar à “intensidade” da cultura brasileira, e do outro lado de ajudar a trazer na língua italiana palavras que possam enriquecê-la de conceitos culturais novos.

As questões que queria destacar neste artigo, através de alguns dos exemplos que ressaltam como mais representativos, se referem às dificuldades enfrentadas em dois específicos âmbitos. O primeiro diz respeito a questões propriamente semântico-lexicais: isto é, a tradução de palavras que não têm, em italiano, uma direta correspondência lexical, como veremos em breve. O segundo diz respeito à tradução em italiano de locuções especificamente ligadas ao contexto linguístico-cultural brasileiro. Como já destaquei, em virtude da presença de dificuldades em diversos planos sintáticos, ao traduzir esse conjunto de ensaios freyrianos não segui apenas um modelo teórico específico todavia, na prática, tive como principais fontes de referência:

- a) o famoso linguista russo Roman Jakobson que frequentemente debate sobre a complexidade da tradução interlinguística, a atividade mais evidente do tradutor. Em um ensaio sobre a tradução ele enfatiza:

"It is more difficult to remain faithful to the original when we translate into a language provided with a certain grammatical category from a language lacking such a category" (JAKOBSON, 1987, p. 430)

De fato, o conceito da impossibilidade de equivalência entre dois idiomas, destacado para o russo, tornou-se instrumento válido nas escolhas ligadas seja ao âmbito lexical, seja no problema frequente da gerência daquelas estruturas verbais que divergem entre italiano e português.

- b) as sugestões propostas por Umberto Eco, nas suas *“esperienze di traduzione”*, recolhidas no livro: *Quase a mesma coisa*. A sua análise sobre os conceitos de reversibilidade por exemplo, ajuda na compreensão que uma das principais funções da tradução é a “de produzir o mesmo efeito que o original visava” (ECO, 2007, p.98) e este alvo pode ser atingido somente através o equilíbrio entre “perdas e compensações”.
- c) em fim o ensaio de Walter Benjamin, *A Tarefa-Renúncia do Tradutor*, onde o autor sustenta que uma tradução não pode ser uma simples reprodução de sentido ou, como se criticava muito no passado, uma simples cópia do original. Pelo contrário a tarefa do tradutor envolve a própria imaginação e a própria bagagem de experiências, e não é só uma questão de essencial fidelidade ao texto original. A propósito disso, Walter Benjamin dá uma interessante sugestão:

“Assim como os cacos de um vaso, para poderem ser recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos menores detalhes, mas sem se igualar, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, ir reconfigurando, em sua própria língua, amorosamente, chegando até aos mínimos detalhes, o modo de designar do original, fazendo assim com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso”. (BENJAMIN, 2001, p. 207)

Então a tradução pode resultar numa profunda alteração da estrutura sintática da obra original, levando à criação de um texto completamente novo. Esta referência resultou útil na reflexão sobre a resolução dos problemas tradutológicos ligados à complexidade da sintaxe freyriana.

Todavia, antes de nos adentrar nos problemas práticos, o que é, na teoria, a tradução? Será que existe somente uma solução tradutológica possível ou, como sustenta Umberto Eco, “dizer quase a mesma coisa é um procedimento que se coloca, como veremos, na negociação?” (ECO, 2007, p.11).

Além da definição geral de:

“operazione di trasferimento interlinguistico e interculturale che consiste nell’interpretazione del senso del testo di partenza e nella produzione di un testo d’arrivo con l’intento di stabilire una relazione di equivalenza tra i due testi, secondo i parametri

della comunicazione e nei limiti dei vincoli imposti al traduttore” (DELISLE, J., LEE-JAHNKE, H., CORMIER, M.C., 2006, p.143).²

Este conceito pode envolver outros significados. De fato existem várias soluções tradutológicas, entre as quais eu resolvi utilizar a “*traduzione letterale*”, “che consiste nella produzione di un *testo d’arrivo*, rispettando le particolarità formali del *testo di partenza* e conformandosi agli usi grammaticali della *lingua d’arrivo*” (DELISLE, J., LEE-JAHNKE, H., CORMIER, M.C., 2006, p.148)³. Em fim existe a “*traduzione calco*” definida como “*traduzione letterale che traspone nel testo d’arrivo gli elementi del testo di partenza in modo da riprodurre gli aspetti semantici, etimologici e temporali*” (DELISLE, J., LEE-JAHNKE, H., CORMIER, M.C., 2006 p. 145). Exemplos deste tipo são termos como: *fazenda, nordestino, pernambucanizzarsi e paolistanizzarsi*.

Como já enfatizei na introdução ao trabalho, o texto apresenta, ao longo da sua extensão, uma grande quantidade de léxico específico do âmbito sociológico, do geográfico e, em muitos casos, regional, isto é, ligado à tradição nordestina. Do ponto de vista semântico este léxico representou a dificuldade maior e, como tradutora, decidi manter muitos destes termos em língua original, pedindo que fosse o leitor a se aproximar à obra e não o contrário. Todavia propus um glossário de palavras temáticas, tais como *caipira, sertão, maracatu, quilombo, morenidade, miscigenação, jangadeiro, bumba-meu-boi, azulejo*, as quais no corpo da tradução foram mantidas no original, com a vontade de acompanhar o leitor à descoberta autêntica deste novo mundo. Apresentarei, para alguns destes termos, todo o processo que me levou a esta particular escolha de “não negociar”. Os instrumentos que principalmente utilizei para esta comparação foram: o *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*, e a sua versão eletrônica; o *Dizionario Completo Italiano-Portoghese [Brasiliano] e Portoghese*

² Il termine si completa, nella nota originale: Nota 1- Contrariamente all’*interpretazione*, che è orale o gestuale (lingua dei segni), la *traduzione* si effettua su *testi* scritti. Nota 2- La *traduzione* potrebbe essere considerata una forma di *discorso riportato*. Così come il *mittente* del *discorso* primario è diverso da quello dell’*enunciazione* secondaria, il *traduttore* è distinto dall’autore del *testo di partenza*: egli ri-esprime infatti ciò che è già stato scritto. Tuttavia, mentre nel *discorso* indiretto il ri-enunciatore si appropria del contenuto dell’*enunciazione* primaria e nel *discorso* diretto della struttura del contenuto del messaggio del primo enunciatore, in *traduzione*, il *traduttore* si appropria dell’atto stesso di *enunciazione*. La ri-enunciazione costituisce comunque per se stessa un’inevitabile modificazione dell’*enunciazione* primaria (Folkart 1991).

³ Il termine si completa, nella nota originale: Nota 1- Il *concetto* di letterarietà viene applicato sia al *senso* sia alla forma di un *testo*. Nota 2- Nella *traduzione* letteraria o della Bibbia, è probabile che il *traduttore* voglia far emergere il più possibile il modello originale. Al fine di raggiungere tale scopo, egli deroga frequentemente e deliberatamente al lessico e alla sintassi della *lingua d’arrivo* e dà vita ad una *traduzione* letterale, mimetica, ma non idiomatica.[...] Nota 3- In una *traduzione* letterale, il *traduttore* preferisce dare la precedenza allo spaesamento e dar vita a un *testo d’arrivo* che, formalmente, si avvicini il più possibile al corrispondente *testo di partenza*. Abbondante è il ricorso a *prestiti* lessicali e *calchi* sintattici, mentre è assente il tentativo di adattare le particolarità culturali del *testo di partenza* nel *testo d’arrivo*.[...] Nota 4- Non bisogna confondere la *traduzione* letterale con la *traduzione parola per parola* né una *traduzione-calco*.

[Brasiliانو]-Italiano; o *Dicionário de português italiano* e em fim o *Moderno Dicionário da língua portuguesa*.

O primeiro termo em análise é **caipira**. No *Dicionário eletrônico Houaiss Da Língua Portuguesa* a definição è a seguinte:

■ adjetivo de dois gêneros

1 que vive no interior, fora dos centros urbanos, no campo ou na roça; roceiro

2 que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social, e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.)

3 próprio de caipira (acp. 7 e 8)

Ex.: <dialeto c.> <jeito c.>

4 Derivação: sentido figurado.

que é tímido, acanhado, pouco sociável

5 Regionalismo: Minho.

que é avarento, sovina, mesquinho

6 Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil.

relativo a festa junina

Ex.: <roupa c.> <bufê tipicamente c.>

■ substantivo de dois gêneros

7 indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. São Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra

Ex.: os c. construíam seus ranchos seguindo a marcha das bandeiras

8 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados

9 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

malandro, vadio

10 (1934) Rubrica: ludologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil.

certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta simples onde se decidem as paradas

11 Rubrica: história. Regionalismo: Portugal.

adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834.⁴

⁴ Completo a definição do verbete transcrevendo também a proposta do *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*: **caipira** *adj.2g.* (1872cf. Jaltil) **1** che vive no interior, fora dos centros urbanos, no campo ou

Uma outra definição, proposta para o *Dicionário Michaelis*, é a seguinte:

cai.pi.ra *s.m+f* (corr de caipora) **1** Pessoa da roça ou do mato; caboclo, canguaí, capiau, capurreiro, jeca, mambira, matuto, roceiro, sertanejo, tabaréu. **2** Indivíduo tímido e acanhado. **3** Jogo popular de parada com um dado apenas ou uma roleta. **4** *gír* Indivíduo malandro. *C-branco*: mestiço descendente direito estrangeiro de brancos. *C-caboclo*: descendente direito do bugres catequizados pelos primeiros povoadores. *C-mulato*: mestiço oriundo do cruzamento de negro com branco, raramente com caboclo. (MICHAELIS, 2005, p. 387).

Passando a procurar uma definição bilíngue, o *Dicionário de português italiano* de Giuseppe Mea, nem propõe o verbete (MEA, 2003, p. 201), enquanto tentando propor uma tradução italiana do termo, usando a palavra *cafone*, o dicionário em questão propõe uma definição não aceitável:

cafone [ka'fone] *s.m.* camponês; 2. parolo, saloio, rústico, grossiero, campónio, labrego, broeiro; 3. novo rico; *gusti da cafone* gostos de novo-rico (MEA, 2003, p. 164).

A definição bilíngue proposta por *Spinelli* também resulta pouco adequada:

na roça; roceiro **2** que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.) **3** próprio d ecaipira (acp 7 e 8) <*dialecto c.*> <*modo c.*> **4** *fig.* que é tímido, acanhado, pouco sociável **5** *MHN* que é avarento, sovina, mesquinho **6** *ETN B* relativo a festa junina) <*roupa c.*> <*bufê tipicamente c.*> ¶s.2g. **7** indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. S. Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra **8** indivíduo simplório, ger. Habitant do campo, d epouca instrução e modos pouco refinados **9** *B infirm.* Malandro, vadio **10** (1934) *LUD B. N.E.* certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta simples onde se decidem as paradas **11** *HIST P* adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834 ☉ *ETIM* orig.contr., prov. do tupi; AGC sugere possível relação com *caipora* e *curupira* ☉ *SIN/VAR* como adj.subst.2.g.: araruama, arigóbabaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba, biriva, botocudo, brocoió bruaqueiro, caapora, cabolco, caburé, cafumango, caçara, cambembe, camisa, canguaí, canguçu, capabode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, grotreiro, guasca, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mambira, mandim, mandim, mandioqueiro, mano-juca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango, mocó, mcorongo, moqueta, mucufo, muxuango, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeva; ver tb. Sinonímia de *branco* ☉ *ANT* como adj.subst.2.g.: cidadão, cosmopolita, elegante, fino, sofisticado, urbano, ☉ *COL* caipirada, cit. pag. 729-730.

Caipira (*tupí* curupira) *m.* (*bras.*) contadino dell'interno || boscaiuolo || individuo rozzo, ignorante, schivo || gioco popolare || *agg.* rozzo, a; incolto,a; ritroso, a. (SPINELLI, 1983, p. 213)

Neste caso a perda de sentido é evidente, e a “violação da referência” (ECO, 2007, p.163) ainda maior, confirmando isso a minha escolha de manter o verbete *caipira* ao longo da tradução.

Passando a análise de outro verbete, *quilombo*, ligado à tradição africana, a definição oferecida pelo *Dicionário Houaiss* é:

quilombo: *s.m.* (s.XVI c.f. MS) 1 HIST B ANG acampamento fortificado dos jagas, design. Atribuída aos povos que invadiram o Congo e Angola em fins do sXVI 2 HIST B local escondido, ger. No mato, onde se abrigavam escravos fugidos 3 HIST B povoação fortificada de negros fugidos do cativo, dotada de divisões e organização interna (onde tb. Se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados) c.f. *mocambo* 4 DNÇ ETN MÚS B AL auto típico do Natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes que lembram os dos reisados, do auto dos guerreiros etc. cf. *toré* ◉ ETIM quimb. *kilombo*, ‘união; cabana, acampamento, ararial, povoação; capital; exército’; Nel Lopes cita Adriano Parreira em AParE: «o voc. *kilombo* (nos sXV-XVII) tem uma dupla conotação: uma toponímica e outra, ideológica. Eram assim também designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e também as feiras e mercados em Kasanji, de Mpungo-a-Ndongo, da Matamba e do Kongo» (HOUAISS, 2001, p.3057).

A versão eletrônica do *Dicionário Houaiss*, propõe uma acepção muito parecida por este verbete, assim apresento a definição de outro dicionário, o *Michaelis*:

qui.lom.bo *sm* (*quimbundo kilombo*) 1 Casa ou esconderijo no mato, onde se acoitavam os negros fugidos. 2 *Reg* (Alagoas) *Folc* Folguedo, também chamado *toré* ou *torém*, usado durante o Natal entre grupos que figuram escravos fugidos e índios que lutam pela posse de uma rainha indígena, terminando a função com a derrota dos negros, vendidos aos espectadores como escravos. (MICHAELIS, 2005, p. 1750).

Sendo evidente a impossibilidade de equivalência de um termo italiano, passo logo, pelo menos, a uma definição bilíngue. O *Dizionario Spinelli* da a seguinte definição:

Quilombo (t. afr.) m. (bras.) capanna nella foresta in cui si rifugiavano gli schiavi negri fuggitivi (v. *Mocambo*) || (bras. del Nord Est) danza mimica grottesca accompagnata da strumenti primitivi che facevano i negri parodiando scene della persecuzione degli schiavi fuggitivi. (SPINELLI, 1983, p. 828).

De fato, a tradução proposta para os dicionários bilíngues consultados não atinge o profundo conteúdo do verbete em língua portuguesa. O *quilombo* não pode ser simplesmente definido como “*capanna nella foresta*” porque, como justamente relata o *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa* em um dos significados propostos, o *quilombo* representava uma comunidade organizada que não acolhia somente “schiavi negri fuggitivi”, mas também índios ou brancos desabrigados. Devido a isso, também neste caso a tradução do termo não pode acontecer às custas do valor da referência, isto é, o seu conteúdo nuclear.

O último exemplo que achei interessante destacar é representado por um termo exemplar da lusofonia por excelência: sertão. Em seguida apresentarei as várias acepções oferecidas para os dicionários que já nomeiei, além de defender a minha decisão de não traduzir, destacando a importância que este verbete adquiriu para a língua portuguesa.

Primeiramente analisamos a definição do *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*:

sertão s.m. (sXV c.f. FichIVPM) 1 região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas 2 terreno coberto de mato, afastado do litoral 3 a terra e a povoação do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos 5 ANGIOS m.q. ERVA-MACAÉ (*Leunurus sibiricus*) ◆ s.bruto B parte do sertão que é totalmente desabitada • s.de gravatá B BA extensão de terras cobertas de gravatás • s.de pedra B RN a área situada além do vale do Ceará-Mirim por ser, daí em diante, muito pedregoso solo ☉ ETM orig. obsc.; JM registra que, «na opinião de certos autores, o voc. Seria evolução do lat.**desertānu-*, com operações fonéticas ainda não suficientemente esclarecidas»; ver *sertan-*; f.hist. sXV

sertão, sXV sartão, sXV sertoão, sXV ssertão ☉ HOM *certão*
(adj.) (HOUAISS, 2001, p. 3312).

Esta definição é com certeza a mais completa, todavia proporei também a do *Michaelis*, antes de passar à análise das definições bilíngues:

ser.tão *sm* **1** Região interior, longe da costa e de povoações. **2** *Reg* (Nordeste) Zona do interior brasileiro, mais seca do que a caatinga. **3** Floresta longe da costa; selva. *S. bruto*: sertão totalmente desabitado. (MICHAELIS, 2005, p. 1928).

Procurando a definição italiana do termo, Giuseppe Mea propõe esta definição:

sertão [sar'tew] *s.m.* **1** interno di un paese; **2** luogo deserto; **3** foresta (MEA, 2003, p. 919).

O *Dizionario Spinelli* também como o *Houaiss* recupera o termo latim:

Sertão (per + *desertão*, dal l. DESERTUS) *m.* luogo deserto, incolto, lontano da villaggi e da terreni coltivati || foresta nell'interno di un continente o di un paese lontana dalla costa || (*bras.*) –*bruto*, del tutto disabitato. (SPINELLI, 1983, p. 910).

Além disso, se procuramos no mesmo dicionário a definição do termo italiano *deserto*, o verbete *sertão* não vem nomeado:

Deserto, a (l. DESERTUS) *adj.* deserto, a; desabitado, a; despovoado,a || solitário,a || *m.* deserto || solidão || êrmo. (SPINELLI, 1983, p. 206).

É evidente que as definições propostas em língua italiana não são satisfatória para os fins prepostos, isto é, atingir o alvo de permitir ao leitor italiano de se aproximar à “intensidade” da cultura brasileira, e ajudar a trazer na língua italiana palavras que possam enriquecê-la de conceitos culturais novos.

Antes de concluir, queria aprofundar a questão do termo *sertão*, carregado de um profundo valor literário desde quando, a obra *Os Sertões* foi publicada, há mais de um século. A questão a respeito das possíveis traduções em língua italiana, devido à sua relevância semântica, despertou reflexões interessantes. Segundo uma teoria que achei estimuladora, este verbete pertence à nação brasileira tanto quanto o verbete *Mezzogiorno* pertence à nação italiana. Refiro em seguida as palavras da professora da Università degli Studi di Padova, Sandra Bagno, sobre o assunto:

“[...] è consultando la lessicografia italiana che il lettore brasiliano può a buon diritto ipotizzare un'altra equazione: quella per cui cioè, nei dizionari brasiliani, il lemma Sertão 'sta' alla lingua del Brasile come, in quelli italiani, il lemma Mezzogiorno 'sta' alla lingua dell'Italia. E quindi la locuzione Os Sertões può leggersi, per più versi, come omologa alla locuzione Il Mezzogiorno. Ovvero come omologa, *mutatis mutandis*, alla locuzione che designa la regione geografica dell'Italia che ha conosciuto nella sua storia ribellioni e rivolte, da quelle vandeane di fine Settecento al brigantaggio postunitario, fino a divenire una questione nazionale – per antonomasia dunque la “questione Meridionale” ossia “la questione del Mezzogiorno” – per la dimensione dei suoi problemi socio-economici, in parte ancora oggi irrisolti. E come si riscontra nei dizionari italiani la presenza di un lemma quale Caporetto, così si riscontra pure la presenza, nella definizione del lemma Mezzogiorno, della locuzione il Mezzogiorno la quale, nella comune coscienza, inevitabilmente, richiama una delle grandi questioni sociali dell'Italia contemporanea [...]”. (BAGNO, 2009, p. 380)

Os exemplos citados permitem de colocar em realce as dificuldades que, como adiantei, achei as mais significativas naturalmente de acordo com uma perspectiva do maior respeito possível de todos aqueles elementos que qualificam a obra freyriana como fortemente inovadora principalmente em contextos, como o italiano, que diferem profundamente tanto do ponto de vista histórico como geográfico do Brasil, alias dos “*Brasis*” relatados por Gilberto Freyre.

Muitas outras reflexões deveriam ser feitas, a um nível analítico mais profundo, acerca dos restantes âmbitos seja semântico-lexicais, seja sintáticos se quisermos distinguir planos como o ensaístico, o literário, etc., em uma obra que representa umas das peças da vasta obra de Gilberto Freyre. Portanto, é nesta perspectiva que apresento esta proposta de tradução, ciente do fato que ela representa uma primeira etapa de um *work in progress*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, S. *Lessicografia e identità brasiliana: dov'è “a nossa vendéia”?* Da: **Alcácer-Quibir a Vendéia: voci del “tempo di lunga durata” della “civiltà nazionale” brasiliana**. Padova: Cleup, 2009.
- BENJAMIN, W., “A Tarefa Renúncia do Tradutor”. In: HEIDERMAN, W. **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. (Antologia bilingue, vol.1: alemão-português).
- CADERNOS DE TRADUÇÃO, Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v.2, n.10 (2002), v.2, n.16 (2005), v.1, n.17 (2006), v.2, n.22 (2008), v.2, n.24 (2009).
- CALDAS AULETE, J.F. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1948/1952, 3ª edição actualizada vols I-II.

- DE MAURO T., **Grande Dizionario dell'uso** (GRADIT). Torino, UTET, 1999.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Mirador), Encyclopædia Britannica do Brasil. S. Paulo: Melhoramentos, 1983, 8ª edição, vols. I-II.
- DELISLE, J., LEE-JAHNKE, H., CORMIER, M.C. **Terminologia della traduzione**. Milano: Editore Hoepli, 2006.
- Dicionário de Ciências Sociais da Fundação G. Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação G. Vargas, 1987.
- DURO, A. **Vocabolario della Lingua Italiana**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani, 1986-1992.
- ECO, U. **Quase a Mesma Coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- ECO, U., **Dire quasi la stessa cosa**: Esperienze di traduzione. Milano: Bompiani, 2003.
- FREYRE, G. **Brasis, Brasil e Brasília**: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e das relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- GABRIELLI, A. **Dizionario dei Sinonimi e dei Contrari analogico e nomenclatore**. Torino: Loescher Editore, 2000. A cura di G. Gabrielli e M. Pivetti, IIª edizione.
- GUERINI A.; TORRES, C. M.H.; COSTA, W. C. **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- HOUAISS A.; MELLOFRANCO, F. M. de; SALLES VILLAR, M. de. **Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- HOUAISS A.; MELLOFRANCO, F. M. de; SALLES VILLAR, M. **Dicionário Houaiss Sinônimos e Antônimos**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.
- MEA, G.; **Dicionário de português italiano**. Bologna, Zanichelli: Porto Editora, 2003.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- MORAIS SILVA, *Antônio de*. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1949/1958.
- SIMONE, R. (dir.). **Il Vocabolario Treccani Il Treccani**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani, 2003.
- SIMONE, R. (dir.). **Sinonimi e Contrari**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2009.
- SPINELLI, V.; CASASANTA, M. **Dizionario Completo Italiano-Portoghese [Brasiliano] e Portoghese [Brasiliano]-Italiano**. Milano: Editore Ulrico Hoepli, 1983.

SITOGRAFIA

<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/index.html>

<http://www.fgf.org.br/>

<http://www.releituras.com>

<http://educaterra.terra.com.br/literatura/livrodomes/2003/01/20/001.html>

<http://www.cefetsp.br/edu/eso/patricia/freyrenovahistoria.html>

<http://www.fundaj.gov.br/docs/freyre/gf.html>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300027

<http://www.bn.br/portal/>

<http://www.ihgb.org.br>

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>